


PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM

GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

The background of the cover is a photograph of three large, white offshore wind turbines standing in a blue ocean. The turbines have yellow-painted bases. In the distance, a small yellow and white boat is visible on the water. The sky is a clear, light blue.

Eólicas Offshore no Brasil: segurança e transição no oceano

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 161 • 11 de maio de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Parque eólico offshore](#)

Por: Departamento britânico de energia e mudanças climáticas

Fonte: Flickr

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/
RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

Capitão-Tenente Bruno de Seixas Carvalho (University of Birmingham)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)
Noele de Freitas Peigo (Facamp)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)
Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)
Vivian de Mattos Marciano (EGN)

AMÉRICA DO SUL

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (EGN)
Izan Reis de Araujo (USP)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Souza Galves Mendes (EGN)
Otávio Brasileiro Pires de Camargo (UNESP)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)
Thaïs Abygaëlle Dedeo (Université Paris 3)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philipe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFRJ)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Adel Bakkour (UFRJ)
Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Alessandra Dantas Brito (EGN)
Bruno Gonçalves (UFRJ)
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)
Maria Cláudia Menezes Leal Nunes (USP)
Raquel Torrencilha Spiri (UNESP)



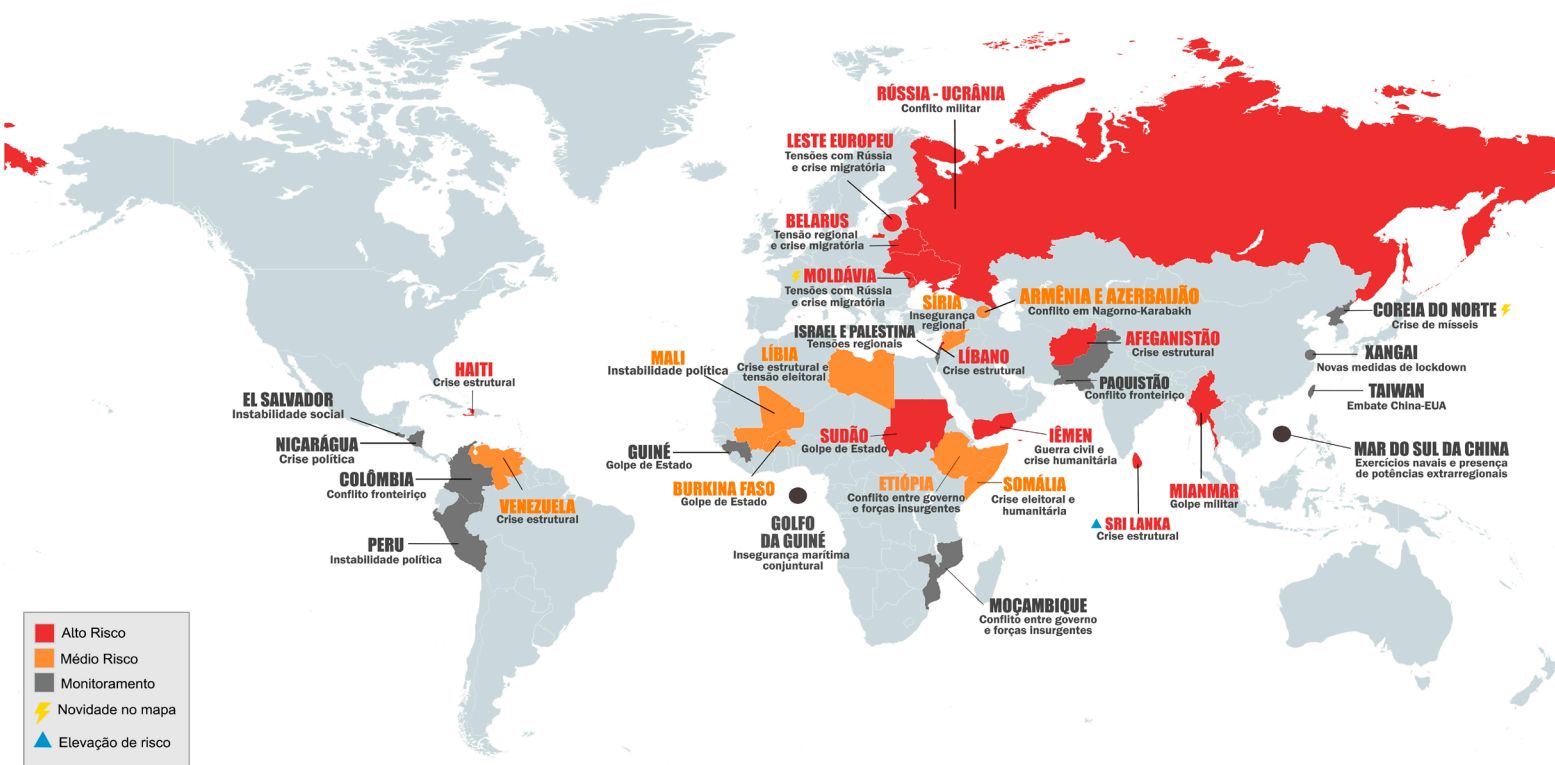
ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
O petróleo na Guiana: abundância improdutiva	6	Moratória chinesa no Mar do Sul da China interfere nos objetivos vietnamitas ..	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		ÁRTICO & ANTÁRTICA	
Continuidade em meio à crise: políticas para o setor mineral estadunidense	7	As Ilhas Malvinas e a nova rodada de investimentos polares do Reino Unido ...	14
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		TEMAS ESPECIAIS	
Nova força-tarefa apoia segurança no Mar Vermelho	8	Eliminado do Sistema: o caso a favor do Bitcoin	15
Dinâmicas regionais e complicações às exportações argelinas de gás.....	9	Eólicas <i>Offshore</i> no Brasil: segurança e transição no oceano	16
RÚSSIA & Ex-URSS			
Os impactos do conflito na Ucrânia na economia do Uzbequistão	10		
Grupo <i>Wagner</i> e os interesses de Moscou na República Centro-Africana	11		
SUL DA ÁSIA			
Novos Investimentos de Defesa estadunidense na Índia e seu impacto para a região	12	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	17
		Calendário Geocorrente.....	17
		Referências.....	18
		Mapa de Riscos.....	19

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa

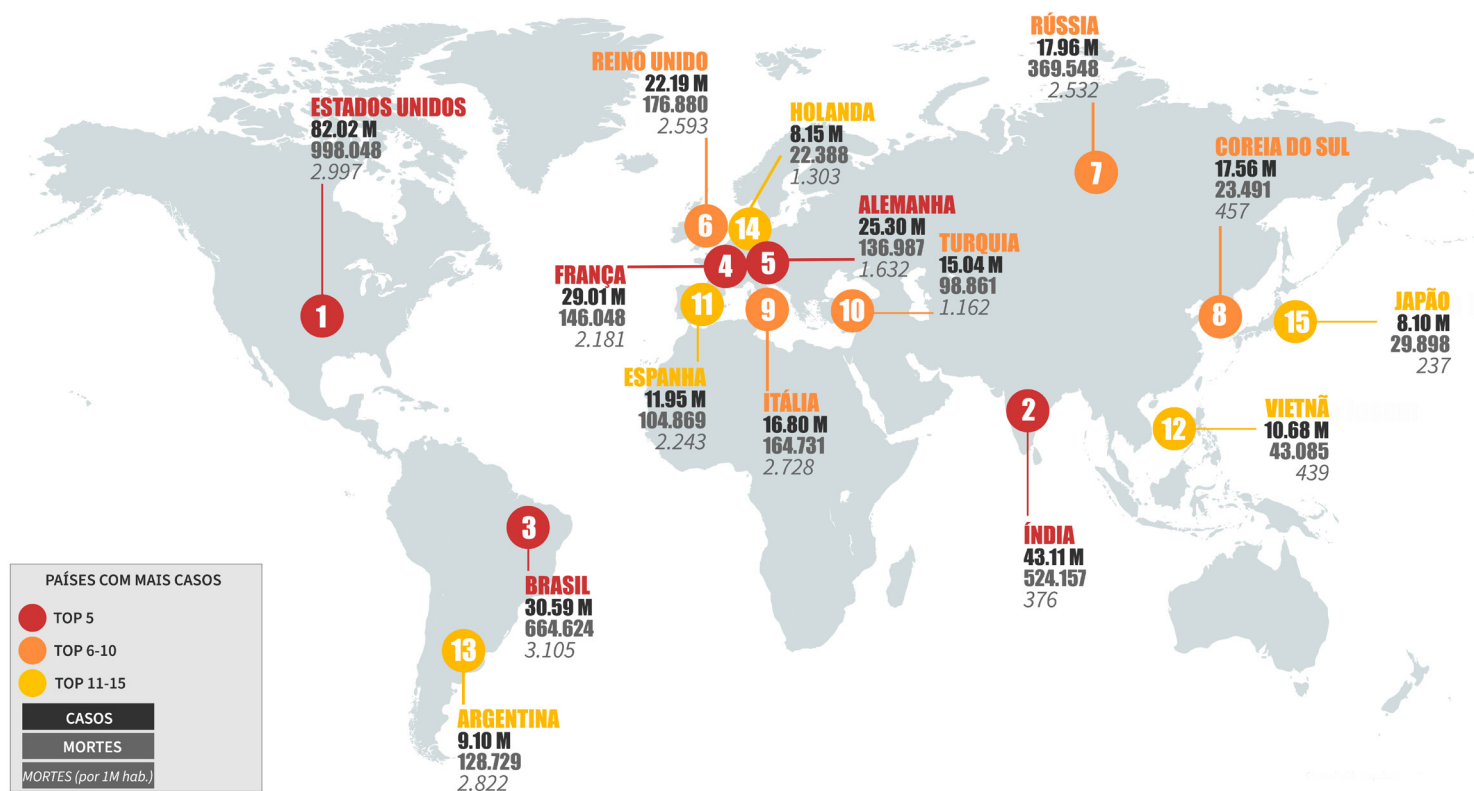


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Our World in Data", publicado no dia 10 de maio de 2022.

Por: Guilherme Carneiro



ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

Doses administradas				
Países	Milhões	a cada 100 pessoas	População imunizada (%)*	Vacinas
China	3.353	240	90%	●●●●●●●●●●
Índia	1.901	139	63%	●●●●●●●●●●
Estados Unidos	578	174	66%	●●●●●●●●●●
Brasil	432	205	78%	●●●●●●●●●●
Indonésia	401	148	61%	●●●●●●●●●●
Japão	273	216	80%	●●●●●●●●●●
Bangladesh	257	158	71%	●●●●●●●●●●
Paquistão	246	114	56%	●●●●●●●●●●
Vietnã	203	211	81%	●●●●●●●●●●
México	201	158	63%	●●●●●●●●●●

*Percentual da população completamente imunizada

CanSino	●	Sinopharm/Beijing	●
Covaxin	●	Sinopharm/Wuhan	●
Johnson&Johnson	●	Sinovac	●
Moderna	●	Sputnik V	●
Oxford/Astrazeneca	●	ZF2001	●
Pfizer/BioNTech	●	EpiVacCorona	●

Fontes: Our world in data; The New York Times

O petróleo na Guiana: abundância improdutiva

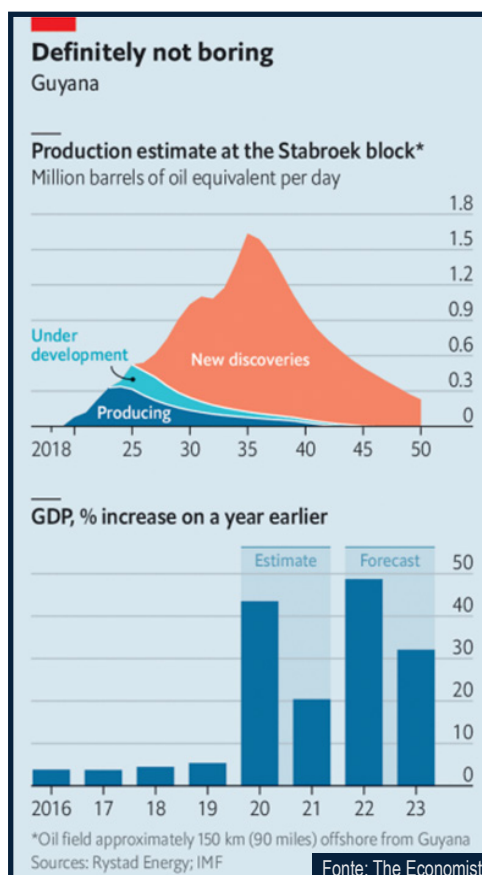
Com o prolongamento do conflito na Ucrânia e as sanções impostas à Rússia, a comercialização do petróleo bruto restringiu-se, refletindo-se na elevação de preços dos combustíveis globalmente. Diante da falta do hidrocarboneto, outros produtores surgem como alternativas para a reposição das *commodities*. A Guiana, por exemplo, representa uma via promissora na América do Sul. Para tal, quais desafios o país enfrenta para ocupar uma posição de destaque no mercado petrolífero?

Desde 2015, pesquisas lideradas pela estadunidense Exxon-Mobil apontam promissoras reservas de petróleo no mar da Guiana ([Boletim 84](#)). A descoberta de mais três poços em Stabroek, no final de abril de 2022, aumentou as estimativas para 11 bilhões de barris de recursos exploráveis. Com a constante descoberta de novas fontes petrolíferas, os petrodólares fluem na economia guianense, que apresentou um aumento no PIB de 22% em 2021, configurando-se como o país que mais apresentou crescimento durante a pandemia, segundo a *The Economist*.

Contudo, mesmo com as amplas reservas de petróleo e notável expansão econômica, a Guiana encontra dificuldade em destacar-se no mercado petrolífero devido à baixa produtividade, consequente da infraestrutura ainda incipiente, indicando que o bom momento para

os exportadores do insumo - com sua alta demanda, sobretudo nos mercados europeus, impulsionando os preços do barril para acima de US\$ 100 – não poderá ser aproveitado pelos guianenses. A extração de apenas 300 mil barris por dia impede o país de fazer frente contra outros polos petrolíferos estruturados. Assim, a opção mais atrativa ao mercado é explorar fontes que já possuem infraestrutura, ainda que defasada, para reabastecer o comércio, como a Venezuela ([Boletim 158](#)).

Não obstante, a abundância petrolífera não foge dos interesses a longo prazo do mercado. A constante entrada de petrodólares na Guiana por meio das petrolíferas detentoras dos direitos de exploração e a necessidade latente de desenvolvimento da infraestrutura logística, de extração e refino, combinam-se no desenvolvimento estrutural liderado pelo governo e pelas empresas que partilham a exploração de Stabroek. Diante das estimativas de que em 2035 a extração guianense ultrapasse 1,5 milhão de barris por dia, a *Exxon-Mobil* mantém dois projetos para ampliar sua atual produção, enquanto busca novas fontes dentro do bloco. Além disso, a estrutura logística de escoamento do petróleo desenvolve-se com o empreendimento da *CGX* na construção de um porto de águas profundas e no próprio investimento governamental no bem-estar social e nas estruturas locais.



Continuidade em meio à crise: políticas para o setor mineral estadunidense

Victor Gaspar Filho

O presidente estadunidense Joe Biden autorizou a utilização do *Defense Production Act* (DPA) para fomentar a produção doméstica de minerais críticos e reduzir a dependência externa no setor. O instrumento, criado durante a Guerra da Coreia (1950-1953), permite ao Executivo a adoção de medidas extraordinárias para fomentar a produção de recursos essenciais à Segurança Nacional. A declaração de Biden está incluída no documento que também apresentou o plano de aumento da resiliência do país no campo de combustíveis fósseis em virtude do conflito na Ucrânia. Seria o conflito atual a única motivação para a adoção da medida?

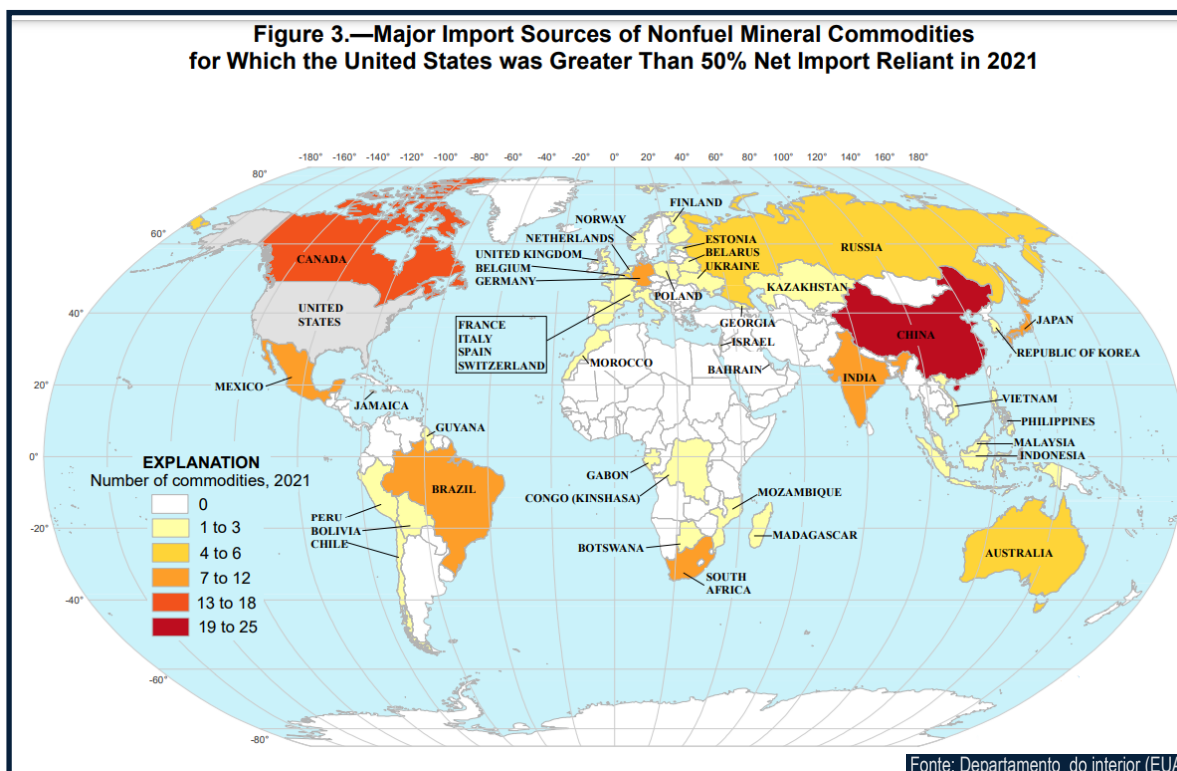
Apesar de o anúncio ter sido feito no contexto da implementação de sanções à Rússia, quando se aborda o tema dos minerais críticos, faz-se menção nominal somente à China. A Rússia é um dos três principais exportadores para os Estados Unidos de cinco minerais, além de estar entre as três maiores produtoras de sete dos minerais importados pelo país. Não obstante, a China ainda a supera como principal ator desse setor.

Enquanto há uma possibilidade de aceleração da transição energética para reduzir a dependência de hidrocarbonetos, cadeias produtivas de equipamentos geradores de energias limpas encontram entraves na escassez técnica de recursos minerais. Com a evocação do DPA, direciona-se o suporte à produção e processamento de minerais aplicados a baterias de

alto desempenho, como lítio, níquel, cobalto, grafite e manganês. A iniciativa, no entanto, não é inédita: desde a administração Donald Trump, há regularidade na publicação de diretrizes federais para a identificação e redução das vulnerabilidades minerais estadunidenses ([Boletins 73](#), [126](#) e [141](#)).

Durante o governo Biden, diferentes projetos foram implementados, como uma dotação de US\$ 3 bilhões para novos empreendimentos renováveis por parte do Departamento de Energia. Outra iniciativa relevante é a *Build Back Better*, ainda tramitando no Congresso, que dedicaria US\$ 555 bilhões ao suporte da cadeia produtiva doméstica de tecnologias de baixo carbono, incluindo assim os minerais críticos. Na proposição de orçamento federal para 2023, US\$ 3,3 bilhões também seriam dedicados ao crescimento do setor de energias renováveis.

As medidas propostas e adotadas reconhecem a expectativa de incremento da demanda por minerais, especialmente pelo setor energético, com aumento de até 400% até 2040 em relação a 2000. No caso estadunidense, o país foi 100% dependente da importação de 14 dos 35 minerais considerados críticos em 2021. Observa-se, então, a continuidade de um esforço bipartidário anterior ao conflito na Ucrânia para atender à demanda em ascensão.



Nova força-tarefa apoia segurança no Mar Vermelho

Melissa Rossi

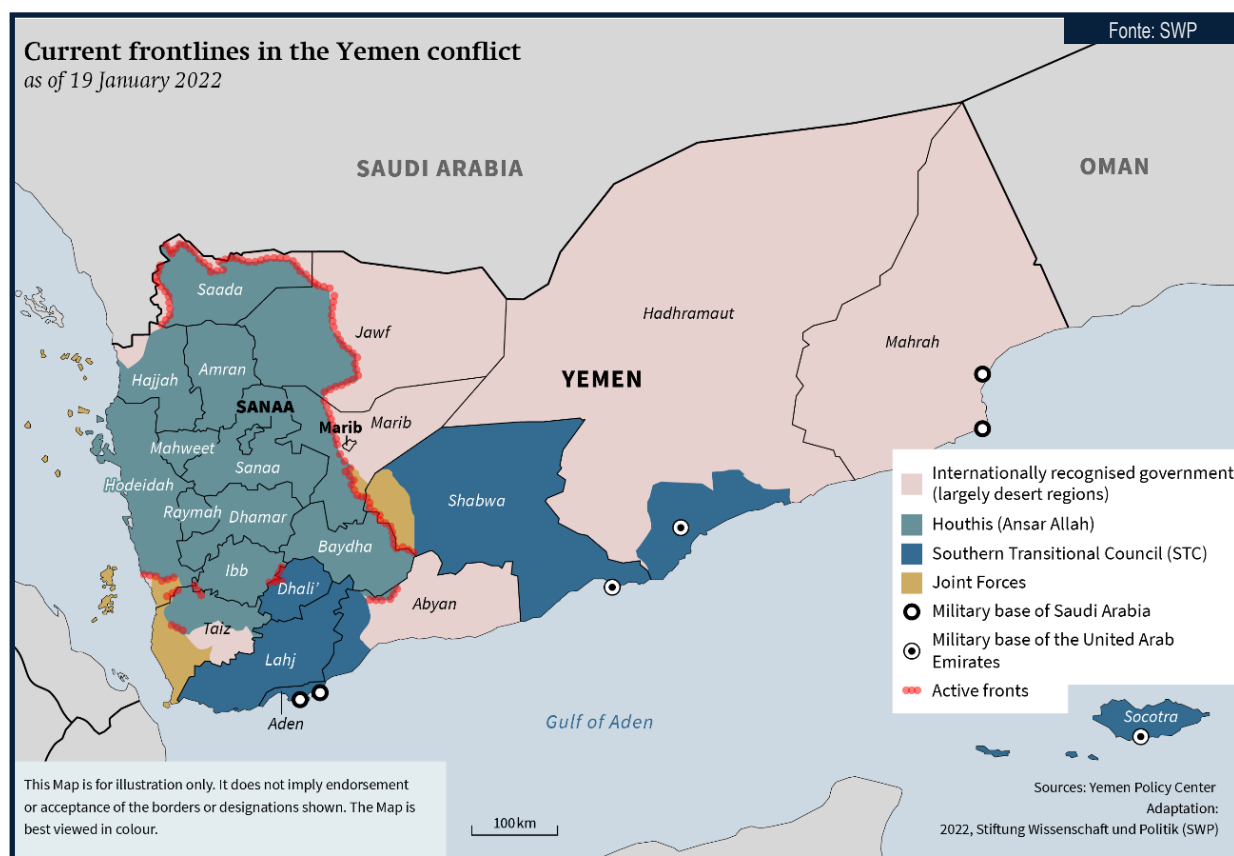
A instabilidade política no Iêmen gera preocupação no Mar Vermelho devido ao aumento do tráfico de armas e dos ataques contra embarcações, ameaçando uma das linhas de comunicação marítimas mais importantes do mundo. Estima-se que mais de 10% do comércio mundial passe anualmente pelo Estreito de Bab el-Mandeb, que liga o Golfo de Áden ao Mar Vermelho. Apesar do cessar-fogo que começou no mês do Ramadã (abril) entre os rebeldes houthis e a coalizão internacional liderada pela Arábia Saudita, a situação ainda continua muito incerta. Como resposta a essas ameaças, as Forças Marítimas Combinadas (CTF, em inglês), comandadas pelos Estados Unidos (EUA), criaram uma nova força-tarefa em abril último, a CTF 153, para combater o tráfico de armas e apoiar a segurança marítima na área.

Sem dúvidas, esse é um grande desafio para a região, considerando-se que outras forças-tarefas, como a CTF 150 e CTF 151, enfrentam-no há anos no Golfo de Áden, no Norte do Oceano Índico e no Mar Árabe. Somente em 2021, a quantidade de armas ilícitas interditas chegou a nove mil, um aumento de três vezes em relação ao ano de 2020. Elas foram apreendidas em rotas usadas para abastecer os rebeldes houthis e acredita-se que o Irã seja responsável pelo envio. É imprescindível lembrar

que os houthis continuam controlando quase 1/3 do território iemenita e ocupando portos importantes no Mar Vermelho, como o porto de Hodeida, de onde são capazes de lançar ataques contra embarcações comerciais, como ocorreu em janeiro, quando o navio de bandeira emirate *Rwabee* foi sequestrado por rebeldes.

Contudo, o momento geopolítico mundial complexo pode também ter afetado a decisão dessa Força Tarefa. Devido à reabertura das negociações nucleares com o Irã, os EUA perderam influência nos últimos anos entre seus aliados no Golfo, como a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos. Assim, apoiar mais forças-tarefas que garantam a segurança marítima regional, pode ser enxergado, em alguma medida, como uma articulação diplomática em favor destes aliados. A Marinha do Brasil também tem interesse na região, pois colabora ativamente com a CTF e irá comandar novamente a CTF 151 este ano.

Em conclusão, apesar da trégua durante o mês do Ramadã, os desafios ligados ao tráfico de armas ilícitas, ameaças a embarcações comerciais e a política externa estadunidense na região nos ajudam a compreender a posição da CTF 153 no contexto geopolítico atual.



Dinâmicas regionais e complicações às exportações argelinas de gás

Vitória França

A Argélia atingiu um recorde histórico em 2021, produzindo quase 100 bilhões de metros cúbicos de gás natural liquefeito, tornando-se seu maior produtor na África e chamando atenção dos países europeus. Um novo acordo assinado entre a empresa petrolífera nacional da Argélia, Sonatrach, e a empresa italiana de energia, Eni, deve fazer com que Argel aumente o fornecimento de gás natural para a Itália em 2022 e para os próximos anos. Os dois países iniciaram negociações para expandir as relações energéticas no início de fevereiro de 2021, mas as discussões para fortalecer essa cooperação foram aceleradas devido às crescentes tensões envolvendo a Rússia. Porém, há desafios impostos a esse novo papel da Argélia no cenário internacional. Como as dinâmicas políticas e geopolíticas regionais limitam o potencial argelino de exportação de gás?

Para responder à procura energética da Europa, a Argélia não está restrita somente às suas próprias fronteiras, dependendo de outros países e arranjos. O recente anúncio do acordo para aumentar entregas de gás para a Itália sugere o uso do gasoduto *TransMed* - que atravessa o território tunisino por 400 quilômetros

antes de entrar no Mar Mediterrâneo. Também, quanto gás adicional poderá ser exportado por meio dele irá depender de outra dinâmica: o futuro da instável Tunísia, que passa por uma crise política e estagnação econômica que tendem a atrapalhar sua cooperação com os argelinos.

Adicionalmente, entre os países europeus, a Espanha também poderia ser destino de mais gás da Argélia. Entretanto, as tensões entre Argel e Rabat chegaram ao ponto de ebulição no último trimestre de 2021 e, com o apoio espanhol ao Marrocos, um dos principais gasodutos do Norte da África, o gasoduto Magreb-Europa – que atravessa Argélia, Marrocos, Espanha e Portugal – foi encerrado em 31 de outubro de 2021, quando o governo argelino anunciou que não renovaria o atual contrato de 25 anos, interrompendo suas exportações a Rabat.

Sendo assim, pode-se concluir que, apesar da principal fonte de divisas da Argélia serem as exportações de energia, ainda existem desafios significativos que Argel tende a enfrentar, como as distâncias físicas entre os países, a quantidade de investimentos necessários e, principalmente, o desafio de estabelecer acordos com países de trânsito, como Marrocos.



DOI 10.21544/2446-7014.n161.p09.

Os impactos do conflito na Ucrânia na economia do Uzbequistão

Pedro Martins

Após a invasão da Ucrânia, a economia internacional foi diretamente impactada com o aumento do preço do petróleo e *commodities* como trigo e milho. No entanto, é importante ressaltar que os efeitos do conflito em cada país têm intensidade variável a depender de realidades específicas. Nesse sentido, o presente artigo visa entender quais são os potenciais impactos econômicos do conflito na Ucrânia para a economia do Uzbequistão.

O Uzbequistão é o país mais populoso da Ásia Central - com 34 milhões de habitantes - e o segundo maior PIB da região, US\$ 59,9 bilhões em 2020, segundo os dados do Banco Mundial. Sua economia é bastante dependente da Rússia: este foi o segundo principal destino do comércio exterior uzbeque em 2020, recebendo 9% das exportações e originando 20% das importações segundo o portal *TradeMap*. Em termos de remessas internacionais, as oriundas da comunidade uzbeque em Moscou correspondem a 12% do PIB nacional. Em 2014, as sanções contra a Rússia provocaram uma queda de 30% neste fluxo; assim, considerando o maior rigor das sanções atuais, pode-se esperar a queda ainda mais acentuada a partir de 2022.

No entanto, o maior desafio causado pelo conflito se dá no campo da logística do comércio exterior do país, uma vez que 80% dos produtos uzbeques precisam passar pelo território russo para acessar mercados internacionais, cenário que demanda a busca por alternativas para Tashkent. A opção mais imediata é o porto iraniano de Chabahar, que aparenta ser mais viável no curto prazo porque o Uzbequistão já tem uma infraestrutura rodoviária conectando-o ao norte do Afeganistão. Para poder usufruir dessa opção, em janeiro de 2022, o Uzbequistão assinou um acordo que garante seu acesso ao porto. Ao mesmo tempo, o Irã desenvolveu sua infraestrutura logística na sua fronteira com o Afeganistão, sobretudo na cidade de Herat, facilitando o escoamento por essa rota.

Nesse sentido, percebe-se que os possíveis impactos econômicos do conflito russo-ucraniano na economia uzbeque são elevados, em especial considerando a infraestrutura usada no escoamento do seu comércio exterior, o que demanda a busca por alternativas logísticas por parte de Tashkent.



DOI 10.21544/2446-7014.n161.p10.

Grupo Wagner e os interesses de Moscou na República Centro-Africana

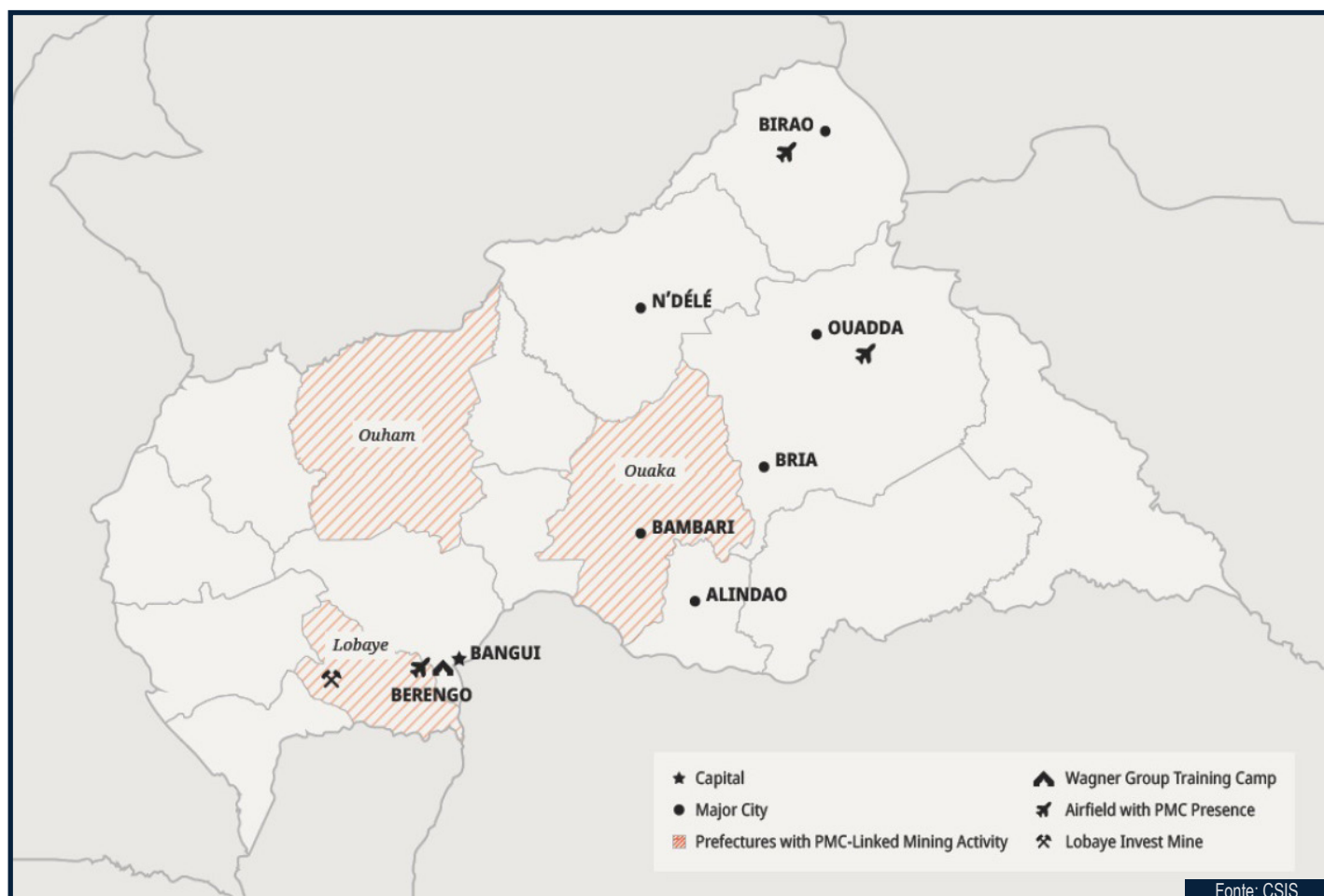
José Gabriel de Melo Pires

A relação da Rússia com os países africanos se baseia em três pilares: cooperação militar, cooperação energética e no comércio, principalmente, de *commodities*. No entanto, nos últimos anos, surgiu uma variável importante nessa equação: a presença das Empresas Militares Privadas, em especial o Grupo Wagner (Boletim 94). Dentre as principais atribuições dessa empresa estão a proteção de instalações estratégicas e a segurança de oficiais dos países em que atua. Todavia, por não responderem diretamente a nenhum tribunal, acabam protagonizando episódios de violações de Direitos Humanos (DHs), levantando questionamentos acerca da sua eficiência.

A utilização de mercenários como instrumentos geopolíticos não é algo recente no sistema internacional. Contudo, a expansão do número de países com presença do Grupo Wagner é notória, passando de quatro em 2015, para 27 em 2021. Nesse contexto, a República Centro-Africana figura como um dos países com maior presença russa, tanto em relação aos acordos de cooperação militar

quanto ao uso de mercenários para combater insurgências. Desde 2018, o suporte de Moscou tem sido fundamental para os esforços do governo de Faustin-Archange Touadéra em retomar o controle de 80% do território do país, que está sob domínio de rebeldes. Em contrapartida, Bangui concederia aos russos o direito de exploração de minas de ouro e diamantes localizadas nessas regiões, e parte dessas receitas seriam direcionadas a empresas ligadas ao líder do Grupo Wagner. Nesse cenário, no início de maio, o *think tank Human Rights Watch* emitiu um comunicado alertando para os casos graves de violações de DHs, envolvendo torturas e massacre de civis, que estariam acontecendo há três anos.

Portanto, o interesse de Moscou na África tem como objetivo a promoção de seus interesses econômicos e geopolíticos. Contudo, além do problema grave no que diz respeito aos DHs, esse tipo de empresa prospera em ambientes de instabilidade, indo de encontro ao propósito alegado de contribuir para a estabilização dos países nos quais atuam.



Novos Investimentos de Defesa estadunidense na Índia e seu impacto para a região

Lucas Mitidieri

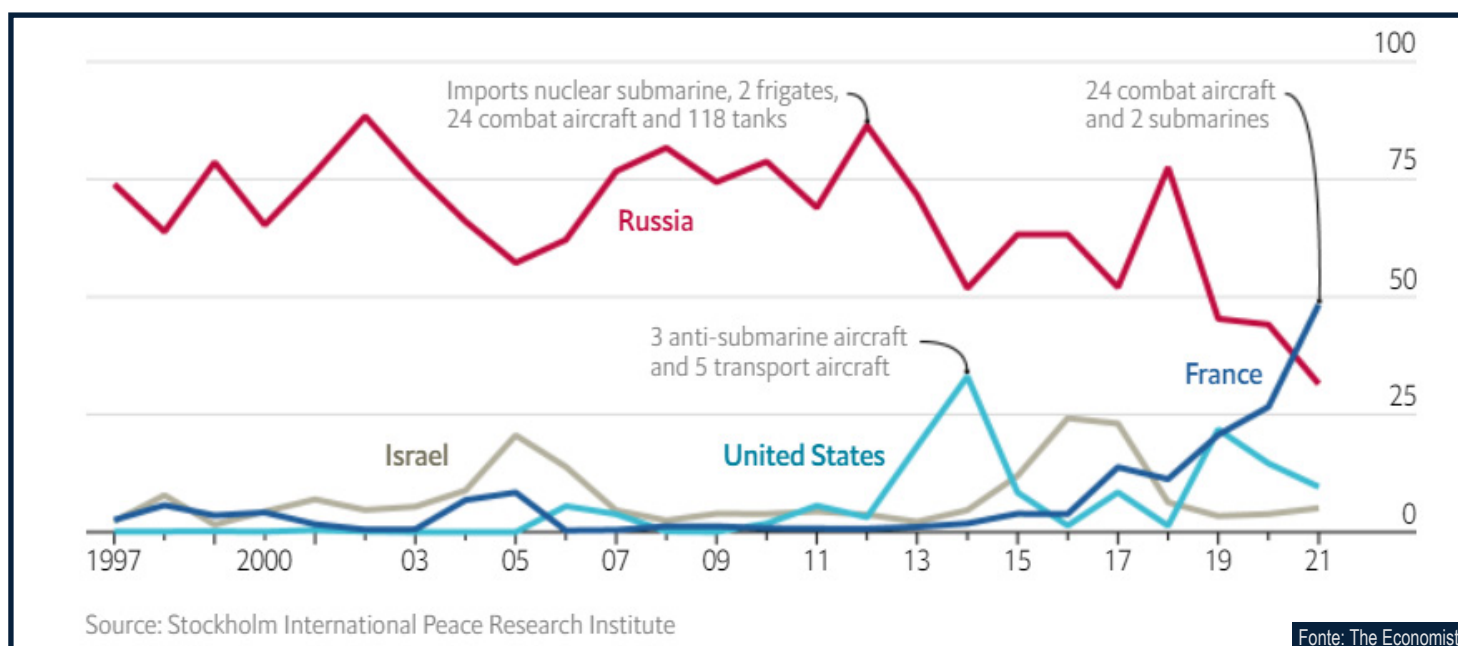
A Índia é um dos parceiros mais estratégicos para o governo do estadunidense Joseph Biden; por isso, sob a perspectiva de contenção da China e maior isolamento da Rússia, os Estados Unidos realizam novos investimentos para a indústria de defesa indiana. No dia 11 de abril de 2022 foi anunciada a expansão de exercícios militares conjuntos, assim como uma maior cooperação de defesa no Espaço e Ciberespaço entre os países. Este anúncio de investimento dá continuidade à estratégia vigente de transformar Nova Délhi em uma liderança regional, contudo, abre espaços para questionamentos. Assim, qual o impacto para esta escalada de investimentos e o que motiva o acontecimento?

Em meio às tensões pela posição de neutralidade indiana em relação ao conflito entre Rússia e Ucrânia, o ministro de Defesa estadunidense, Lloyd Austin, se encontrou, neste mês, com ministros de Defesa e Relações Exteriores da Índia. Um dos principais interesses estadunidenses para este encontro é diminuir, gradativamente, a dependência que a Índia possui dos equipamentos militares russos. Com o novo acordo sendo anunciado, este objetivo busca ser alcançado por meio das opções de financiamento que podem tornar o armamento estadunidense mais acessível e, assim, afastar

a proximidade russa do setor de defesa indiano.

Ainda, Austin ressaltou que isto faz parte do projeto em que os Estados Unidos apoiam a Índia enquanto líder da indústria de defesa do Indo-Pacífico, além de um ator importante para a estabilidade regional. O intuito do supracitado projeto é conter os avanços da China na região, ampliando o alcance estadunidense e permitindo uma coordenação mais próxima do Indo-Pacífico. Esta nova posição estratégica da Índia ao lado dos outros membros do QUAD (Austrália, Estados Unidos, e Japão), já causa preocupação ao governo chinês. Para o atual ministro de Relações Exteriores da China, Wang Yi, o QUAD passa a assumir uma função comparável à OTAN, ao ter como seu objetivo mais proeminente a supressão do país. Em resposta, Pequim lançou o *Global Security Initiative*, nova proposta de Segurança Internacional que questiona a lógica da estratégia estadunidense para o Indo-Pacífico.

Em suma, os novos investimentos para a indústria de defesa representam uma continuidade à nova política de Joseph Biden para a Índia e o Indo-Pacífico, além de representar uma grande oportunidade de crescimento para o setor indiano. Contudo, a estratégia estadunidense possui claras motivações geopolíticas que podem ocasionar uma escalada de tensões militares.



Moratória chinesa no Mar do Sul da China interfere nos objetivos vietnamitas

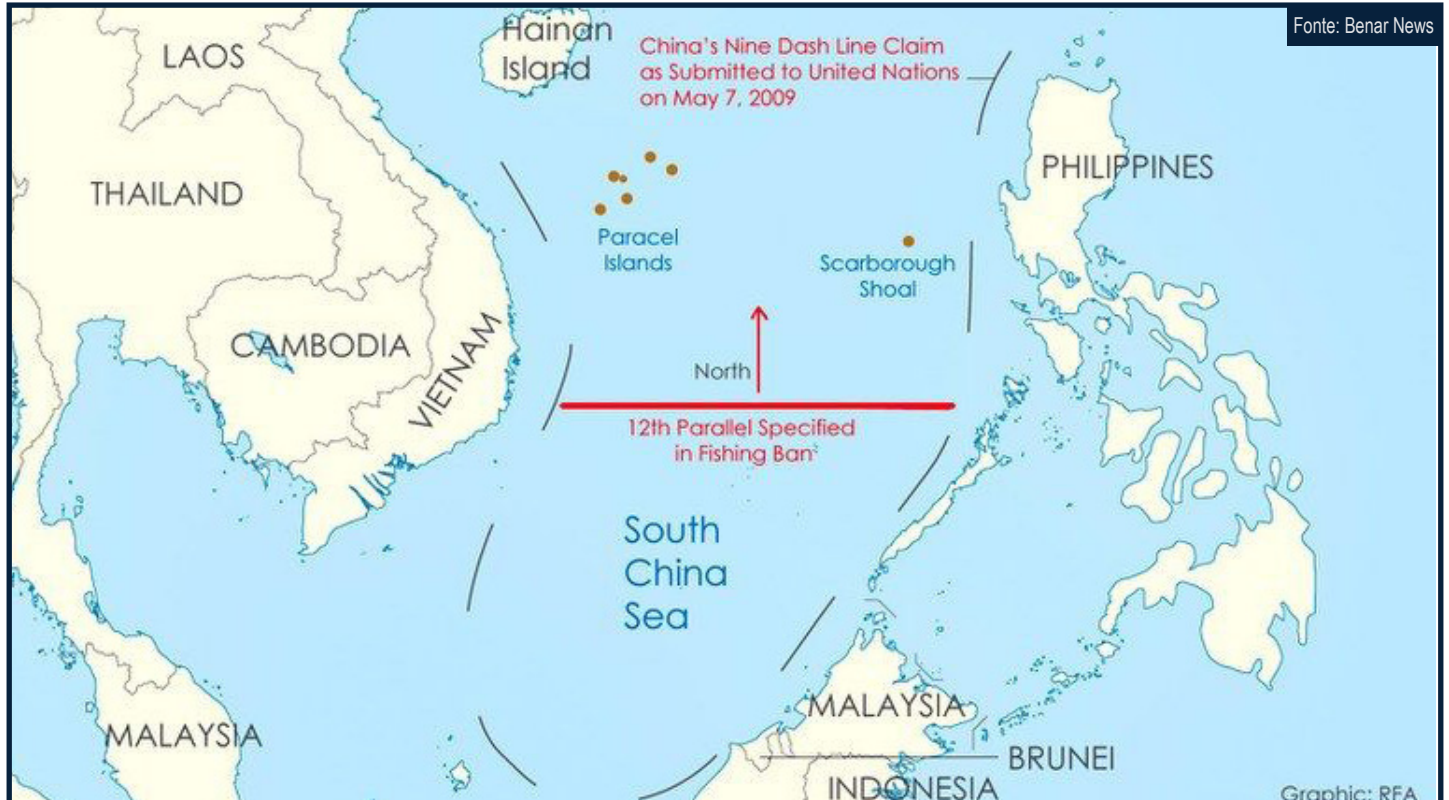
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira

A China retornou, no início do mês de maio, o banimento temporário de atividades pesqueiras. A suspensão ocorre de forma anual pela China desde 1999, com o objetivo de garantir uma atividade pesqueira sustentável, fornecendo tempo para a reprodução da ecologia marinha. A moratória, contudo, abrange a área do Mar do Sul da China logo acima do paralelo 12' N, que possui áreas reivindicadas pelo Vietnã e Filipinas. Houve também o aviso do uso de embarcações de patrulha para garantir a aplicação da medida. Hanói, por sua vez, já reiterou sua aversão. Como tal ação chinesa contribui para acirramento das disputas e procura intervir nos objetivos marítimos vietnamitas?

O Vietnã possui um forte setor pesqueiro, e aspira ocupar um lugar entre os cinco maiores exportadores de produtos de pesca até 2030. Esta indústria contabilizou US\$ 9 bilhões em 2021 e possui parceiros comerciais diversos como China, Japão, Estados Unidos e o bloco europeu. A pesca também é um meio de vida de parte

da população vietnamita, inclusive em regiões mais afastadas. Por isso, uma eventual paralisação dessa atividade poderia trazer instabilidades econômicas e alimentares com claros desdobramentos sociais. Atualmente, o país do Sudeste da Ásia busca aprimorar suas capacidades de comunicação com suas porções insulares e incentivar a economia azul (tal qual a pesca).

A vulnerabilidade em sua águas jurisdicionais também é um fator de peso geopolítico para o Vietnã, uma vez que seu poder naval é consideravelmente inferior ao chinês. Portanto, a ação de oposição à paralisação chinesa, e a continuidade das atividades pesqueiras por Hanói demonstram, além de uma busca por manter o rendimento anual e lucrativo para a receita das empresas e do Estado vietnamita, a manutenção de suas reivindicações e objetivos nacionais. Afinal, caso a China consiga exercer o controle sobre regiões que, segundo o direito internacional, não são de seu domínio, logrará em ocupar silenciosamente tais espaços.



O governo indonésio segue buscando parcerias para sustentar seu não-alinhamento dentro das disputas do sistema internacional, em especial quando se trata de Washington e Pequim; e das questões envolvendo o Mar do Sul da China. Apesar disso, a Indonésia decidiu, recentemente, expandir seus laços com o Reino Unido. Quais as perspectivas futuras para tal aproximação?

Importantes companhias britânicas atuam na Indonésia, como a BP, o *Standard Chartered Bank*, a *British American Tobacco* e o *HSBC*, enquanto a companhia indonésia mais importante operando no Reino Unido, é o *Bank Negara Indonesia*. A relação entre os dois países, apesar de ter tido como marco inicial um fórum conjunto em 2007, começou a se estreitar de fato em 2012, com uma declaração de cooperação que, todavia, precisava de propostas mais concretas e com efeitos mais duradouros.

Com a Indonésia evidenciando sua modernização, em especial nas esferas econômica e militar e exercendo sua presidência no G20 com propostas proeminentes, a parceria para com o Reino Unido se mostra vantajosa no momento. A potência regional apresenta, de forma promissora, suas faces para o sistema internacional, o que é atraente para os britânicos. Com isso, esses países lançaram uma nova declaração conjunta em abril de 2022 que reestrutura sua parceria prevendo maiores

dinâmicas, principalmente nos dois próximos anos. A promessa de suporte do Reino Unido à atual presidência indonésia do G20 e à sua futura presidência da ASEAN (2023) também foi pontuada.

Enquanto país arquipelágico a questão da Defesa naval é muito importante para a Indonésia, logo, a colaboração nesta indústria, incluindo a importação de tecnologia e inteligência e, em especial, a construção das fragatas *Arrowhead 140*, traz muito para a modernização do setor. Além disso, o documento prevê a realização de exercícios de defesa conjuntos, como o *Jungle Warfare Exercise*, entre os exércitos dos dois países. Outra questão de destaque nesta parceria é a oferta britânica de financiamento de mais de US\$ 5 bilhões para projetos de longo termo.

O reconhecimento da soberania Indonésia, pelo Reino Unido, tanto na província Papua Ocidental, quanto de suas Zonas Econômicas Exclusivas (ZEEs) previstas na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, é um ponto valorizado pelo governo do país asiático e que foi abordado na declaração. Sendo assim, o novo acordo traz o suporte formal necessário para a autoridade indonésia frente a grupos internacionais, além de prometer investimentos e treinamentos em setores que necessitam de atualização.

DOI 10.21544/2446-7014.n161.p14.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

As Ilhas Malvinas e a nova rodada de investimentos polares do Reino Unido

Gabriela Paulucci Hora Viana

Em fevereiro deste ano, China e Argentina assinaram um acordo no qual a China reafirmou seu apoio à reivindicação argentina às Malvinas, enquanto Alberto Fernández apoiou a política de "uma só China", de Xi Jinping. Dois meses depois, o Reino Unido anunciou uma nova rodada de investimentos polares, tanto para o Ártico, quanto para a Antártica, de US\$ 357,9 milhões. Como esse ciclo de investimentos, faz com que o Reino Unido possa continuar garantindo sua soberania nas Ilhas Malvinas e, principalmente, o seu pioneirismo no sexto continente?

A nova rodada de investimentos soma-se aos US\$ 826,9 milhões inicialmente divulgados pelo *Antarctic Infrastructure Modernisation Programme* (AIMP), financiado pelo *Department for Business, Energy, and Industrial Strategy* (BEIS) britânico. O AIMP foi responsável por desenvolver importantes projetos para a continuidade do pioneirismo do Reino Unido

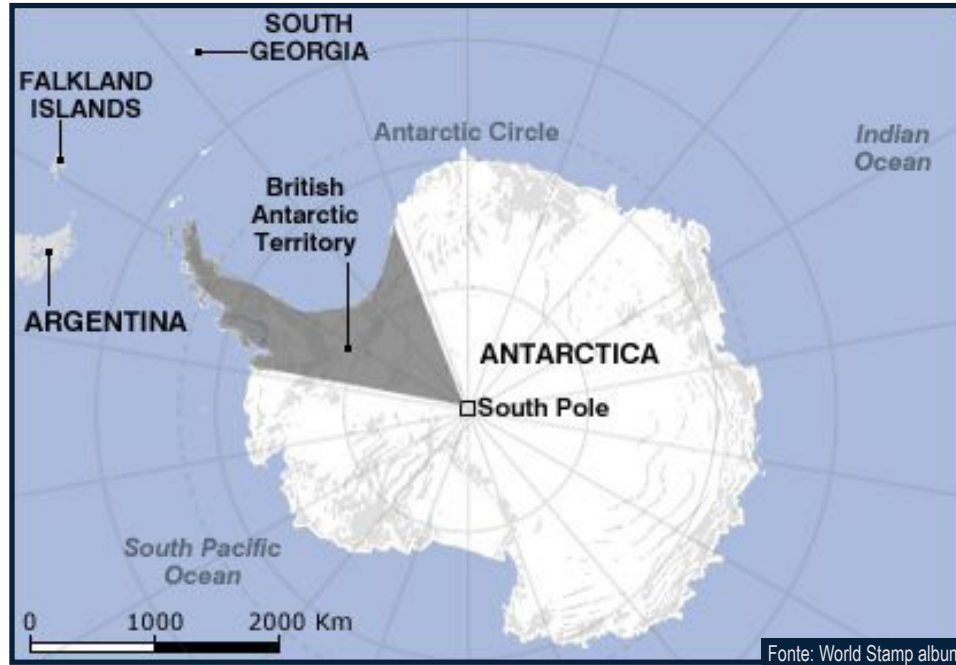
na Antártica, como o navio de pesquisa polar *RRS Sir David Attenborough*; a modernização do cais da Estação de Pesquisa de Rothera, do *King Edward Point*, da Bird Island na Geórgia do Sul, e a modernização da estação *Signy*. Ainda assim, o intuito dessa nova aplicação é ir além: assegurar, para os próximos 25 anos, uma nova geração de pesquisa polar.

Esse percurso silencioso de acumulação de tecnologia, ciência e, conseqüentemente, prospecção de poder, ilustra as necessidades e os desafios que afetam os interesses do Reino Unido. É importante lembrar que as relações anglo-argentinas são historicamente conturbadas: no início das rivalidades territoriais no continente antártico, ambos fizeram reivindicações parcialmente coincidentes, que só foram freadas pelo Tratado Antártico (1959); soma-se a isso a Guerra das Malvinas (1982), que se desenrolou em território subantártico e terminou com vitória britânica. Nesse >>>

sentido, uma aproximação estratégica entre China e Argentina, no que tange seus interesses polares, significa uma capacidade estratégica científico-operacional dobrada e uma ampliação significativa de influência.

Há, portanto, fortes indícios de que os conflitos no sistema internacional têm respingado no desenrolar das dinâmicas geopolíticas na Antártica. Sob este contexto,

uma rede de apoio no território sul-americano é valiosa para a China, especialmente em um cenário de coalizões globais e assistências estratégicas. Da mesma maneira, o apoio chinês sob a reivindicação argentina das Ilhas Malvinas é tido como um ânimo considerável para sua continuidade na tentativa da retomada de soberania no território.



DOI 10.21544/2446-7014.n161.p14-15.

TEMAS ESPECIAIS

Eliminado do Sistema: o caso a favor do Bitcoin

Maria Cláudia Nunes

O atual cenário mundial vem sendo marcado por um grande debate sobre a ordem financeira internacional. Com a eclosão do conflito na Ucrânia, a Rússia, um importante membro do G20, tem sofrido empecilhos no sistema financeiro; mas ao contrário do esperado, países como a China, Índia e México decidiram não impor as mesmas sanções a Moscou. Nesse sentido, como o conflito na Ucrânia impacta a liderança econômica dos Estados Unidos e o sistema financeiro?

O uso do dólar como instrumento de sanções por exemplo, demonstra o quanto o sistema internacional é dependente do sistema financeiro efetivamente controlado pelos Estados Unidos, o qual busca seus próprios interesses. Devido às atuais sanções contra a Rússia — grande exportador de produtos como fertilizantes agrícolas —, alguns países dependentes dos produtos russos têm sido incentivados a utilizar moedas e canais para pagamentos alternativos. Por exemplo, a Índia e a Rússia ampliaram seu canal rúpia-rublo para trocas comerciais devido às sanções.

A questão do debate então recai no sistema financeiro

em si: em tese, mesmo que em um futuro se tenha uma substituição do dólar como moeda de troca internacional, o país emissor da moeda não poderia utilizar o sistema financeiro mundial da mesma maneira? Essa indagação faz o Bitcoin ter bastante apelo para alguns atores, considerando que, por sua natureza, possibilitaria contornar o uso do dólar como instrumento coercitivo. No entanto, a moeda em si ainda está desenvolvendo sua escalabilidade para que se torne cada vez mais factível sua adoção, tendo em vista sua liquidez.

As discussões sobre a arquitetura do sistema de pagamento vigente são importantes, especialmente à luz dos acontecimentos atuais na Europa, pois um único emissor de moeda — global ou regional — pode afetar a autonomia financeira de um país. Nesse cenário, outros canais, como o da Índia-Rússia, podem não ser eficientes em termos de custo econômico se comparado ao de uma moeda única. Essa conjuntura, portanto, torna o Bitcoin uma possível alternativa para ser utilizada como moeda de reserva não sancionável.

DOI 10.21544/2446-7014.n161.p15.

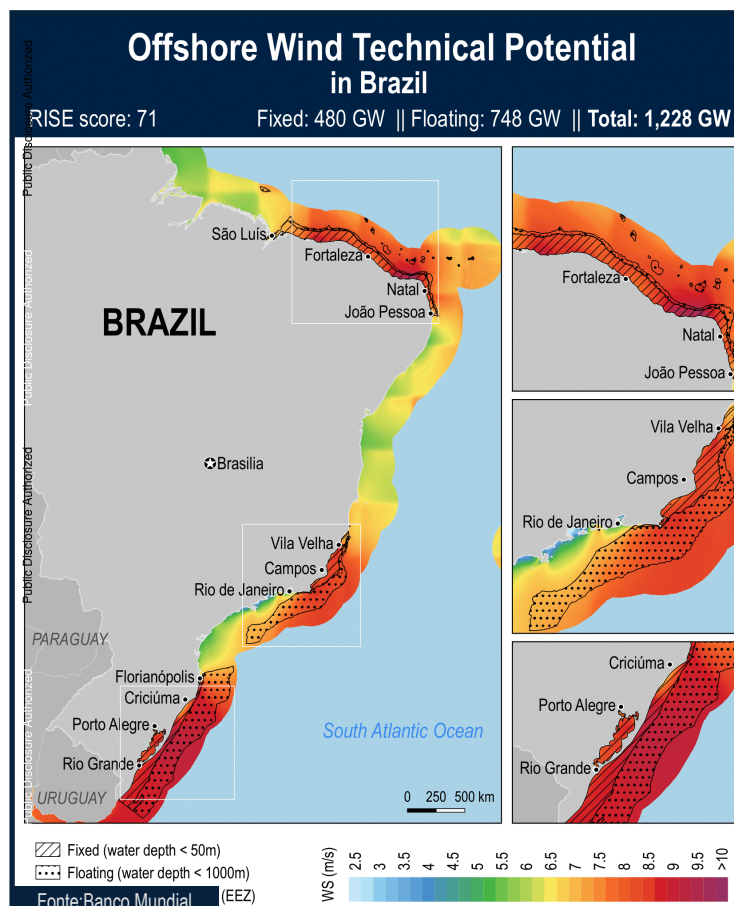
Segundo Elbia Gannoum, Presidente da *Associação Brasileira de Energia Eólica e Novas Tecnologias* (ABEEólica), a Europa tem como desafio a gestão da escassez de recursos energéticos. Já o Brasil, da gestão da abundância. A busca pela segurança energética brasileira está pautada na diversificação da matriz por recursos internos: a demanda vem aumentando, mas o potencial hidroelétrico utilizável vem caindo. Com o aumento da busca por fontes renováveis não-hidráulicas, a energia eólica *offshore* se mostra como alternativa. Com isso, como se dará a relação energia e mar no Brasil, e quais as oportunidades existentes ao se pensar segurança e transição energética?

A energia no território brasileiro tem um laço histórico com a água. Se por décadas esteve alicerçada no potencial hidroelétrico, o século XXI, com a descoberta do Pré-Sal em 2006, nos mostra que este canal está mais forte com os oceanos, o qual se robustecerá com a implementação das eólicas *offshore*. No Brasil, a perspectiva é de que há recursos energéticos para atingir a transição e garantir o atendimento da demanda de energia renovável. Segundo o Banco Mundial, o país tem potencial eólico em até 50m *offshore* de 480 GW, e de plataformas flutuantes de 748 GW, totalizando 1.228 GW.

Cabe ao Brasil, portanto, se adequar às normas

internacionais e construir um arcabouço regulatório nacional contribuindo para a harmonização de interesses potencialmente divergentes ou em real conflito. Em janeiro de 2022, a Presidência da República publicou o Decreto nº 10.946, que dispõe sobre a cessão de uso de espaços físicos para geração elétrica *offshore*. Segundo o Decreto, o Comando da Marinha do Brasil deverá emitir uma declaração com a finalidade de identificar a existência de interferência em outras instalações ou atividades. A instituição avaliará a observância das normas da autoridade marítima sobre a salvaguarda da vida humana, a segurança da navegação e a prevenção da poluição hídrica, a ausência de prejuízo ao ordenamento do tráfego aquaviário e à Defesa Nacional.

Nota-se cada vez mais a importância econômica do uso dos oceanos em diversos setores, como pesca, *shipping*, turismo, indústria petrolífera, instalação de cabos submarinos, exploração de minerais no leito marinho, e energias marinhas renováveis. A energia eólica *offshore* revela-se como mais um importante caminho na garantia da segurança e transição energéticas para uma economia menos carbonizada. No entanto, ainda há grandes desafios no que diz respeito a políticas públicas e regulamentação a serem superados.



- ▶ [A Force for the Future: A High-Reward, Low-Risk Approach to AI Military Innovation](#)
FOREIGN AFFAIRS, Michael C. Horowitz, Lauren Kahn, and Laura Resnick Samotin
- ▶ [Gauging the Gap: The Greenland–Iceland–United Kingdom Gap – A Strategic Assessment](#)
IISS, Nick Childs
- ▶ [Georgia and the Black Sea factor: from words to deeds](#)
COUNCIL OF GEOSTRATEGY, Victor Kipiani
- ▶ [Green Insecurity: An Attack on Ukraine and Climate Change Cooperation](#)
RUSI, Genevieve Kotarska and Lauren Young
- ▶ [What is the metaverse?](#)
CHATHAM HOUSE, Harriet Moynihan, Marjorie Buchser, Jon Wallace

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Guilherme Carneiro e Maria Eduarda Parracho

MAIO

Principais eventos de 12 a 25 de maio

12-13



ESTADOS UNIDOS
REUNIÃO DOS LÍDERES
DA ASEAN E DOS
ESTADOS UNIDOS

15



LÍBANO
ELEIÇÕES
PARLAMENTARES

15



SOMÁLIA
ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS

17-19



HOLANDA
CONFERÊNCIA
MARITIME
INDUSTRY 2022

20-24



**COREIA DO SUL E
JAPÃO**
VISITA DO PRESIDENTE
DOS ESTADOS UNIDOS

24-25



BÉLGICA
CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL
SOBRE A LEI DE
CIBERSEGURANÇA DA
U.E.

REFERÊNCIAS

- **O petróleo na Guiana: abundância improdutiva**

[Guyana's tiny population braces for a gusher of petrodollars](#). *The Economist*, Londres, 26 mar. 2022. Acesso em: 04 maio 2022.
[Three more oil discoveries offshore Guyana pushes reserves to 11 billion barrels](#). *Guyana Petroleum Digest*, Irving, 26 abr. 2022. Acesso em: 04 maio 2022.

- **Continuidade em meio à crise: medidas para o setor mineral estadunidense**

ESTADOS UNIDOS. Casa Branca. [FACT SHEET: President Biden's Plan to Respond to Putin's Price Hike at the Pump](#). 2022. Acesso em: 04 maio 2022.
FREEMAN, B. [A Critical Minerals Policy Option for the U.S. Payne Institute for Public Policy](#). *The Payne Institute for Public Policy*, Denver, [s.d.]. Acesso em: 04 maio 2022.

- **Nova Força Tarefa apoia Segurança no Mar Vermelho**

DUNNE, C. [The Complicated Nature of Red Sea Geopolitics](#). *Arab Center*, Washington, 27 out. 2021. Acesso em: 10 abr. 2022.
TRANSFELD, M. [Three Scenarios for the Yemen War](#). *Stiftung Wissenschaft und Politik*, Berlim, 28 jan. 2022. Acesso em: 17 abr. 2022.

- **Dinâmicas regionais e complicações às exportações argelinas de gás**

MOHNBLATT, D. [Algeria, Italy Sign Gas Deal as Europe Looks To Wean Itself off Russian Energy](#). *The Medialine*, Sobernheim, 13 abr. 2022. Acesso em: 04 maio 2022.
[Italy signs deal with Algeria to increase gas imports](#). *Al Jazeera*, Doha, 11 abr. 2022. Acesso em: 04 maio 2022.

- **Os impactos do conflito na Ucrânia na economia do Uzbequistão**

KALEJI, V. [With Russian Route Blocked, Uzbekistan Looks to Indian-Iranian-Afghan Chabahar Port Project](#). *Eurasia Daily Monitor*, Washington, v. 55, n. 19, 8 maio 2022. Acesso em: 7 maio 2022.
GRETSKY, Sergei. [Central Asia and Russia Sanctions: Threats and Opportunities](#). *Eurasia Daily Monitor*, Washington, v. 50, n. 19, 18 abr. 2022. Acesso em: 07 maio 2022.

- **Grupo Wagner e os interesses de Moscou na República Centro-Africana**

[RUSSIAN mercenaries are Putin's 'coercive tool' in Africa](#). *Al Jazeera*, Doha, 23 abr. 2022. Acesso em: 23 abr. 2022
[RUSSIAN mercenaries behind Central African Republic atrocities - HRW](#). *BBC*, Londres, maio 2022. Acesso em: 04 maio 2022.

- **Novos Investimentos de Defesa estadunidense na Índia e seu impacto para a região**

GOULD, J. [Despite Russia tensions, US and India deepen defense ties](#). *Defense News*, Washington, 11 abr. 2022. Acesso em: 26 abr. 2022.
[US' Indo-Pacific strategy as 'dangerous' as NATO expansion resulting in Ukraine crisis: China](#). *The Economic Times - India Times*, Nova Delhi, 21 mar. 2022. Acesso em 28 abr. 022.

- **Moratória chinesa no Mar do Sul da China interfere nos objetivos vietnamitas**

[Vietnam protests China's annual South China Sea summer fishing ban](#). *Be- nar News*, Washington, 02 maio 2022. Acesso em: 05 maio 2022.
[Restoration efforts help promote sustainable growth for fisheries sector](#). *Vietnam Plus*, Hanói, 16 abr. 2022. Acesso em: 05 maio 2022.

- **Mesmo parceiro, novos termos**

[BROWN, M. UK's trade deal with Indonesia will strengthen military ties, says LIZ TRUSS](#). *Express UK*, Londres, 11 abr. 2022. Acesso em: 04 maio 2022.
INDONESIA. [Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Indonesia. Indonesia Uk Agree On 2022-2024 Partnership Roadmap](#). 2022. Acesso em 04 maio 2022. .

- **As Ilhas Malvinas e a nova rodada de investimentos polares do Reino Unido**

[Truss says Falklands part of 'British family' after China backs Argentina](#). *The Guardian*, Londres, 07 fev. 2022. Acesso em: 21 abr. 2022.
[UK investing heavily in Antarctica and Arctic research to remain world leader in polar science](#). *Mercopress*, Montevideú, 18 abr. 2022. Acesso em: 20 abr. 2022.

- **Eliminado do Sistema: o caso a favor do Bitcoin**

WESTWOOD, S. [Which countries have decided not to sanction Russia?](#). *Washington Examiner*, Washington, 03 mar. 2022. Acesso em: 04 maio 2022.
SALAZAR, A. [US Sanctions Cause Russia to Resort to Using Crypto Assets](#). *Crypto World Journal*, Dover, 22. fev. 2022. Acesso em: 04 maio 2022.

- **Eólicas Offshore no Brasil: segurança e transição no oceano**

BRASIL. [Decreto-lei nº 10.946](#), de 25 de janeiro de 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.
MORAES, M. [Energia offshore é o futuro – e ele já chegou](#). *Instituto Brasileiro de Direito do Mar*, Salvador 16 maio 2021 . Acesso em: 22 abr. 2022.

Os mapas iniciais (pág 04 e 05) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO - Crise estrutural: [Afghanistan: Nearly 20 million going hungry](#). UN News, 09 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.
- BELARUS - Tensão regional e crise migratória: [Ukraine says it is 'ready' if Belarus joins Russian war effort](#). Euronews, 05 mai. 2022. Acesso em: 08 mai. 2022.
- HAITI - Crise estrutural: [Affrontement armés au nord de la capitale : au moins 75 morts enregistrés, selon les Nations Unies](#). Le Nouvelliste, 06 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.
- IÊMEN - Guerra civil e crise humanitária: [Released by coalition, dozens of Houthi war prisoners return to Yemen](#). Arab News, 06 mai. 22. Acesso em: 08 mai. 2022.
- LESTE EUROPEU - Tensões com a Rússia e crise migratória: [Jill Biden to Meet Ukrainian Refugees During Eastern Europe Visit](#). VOA News, 06 mai. 2022. Acesso em: 08 mai. 2022.
- LÍBANO: Crise estrutural: [Lebanon expatriates vote in parliamentary elections](#). Middle East Monitor, 08 mai. 22. Acesso em: 08 mai. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [Military Tensions Rise in Western Myanmar as Arakan Army Chief Warns Regime](#). The Irrawaddy, 09 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.
- MOLDÁVIA - Tensões com a Rússia e crise migratória (NOVO NO MAPA): [Los rumores de guerra desconciertan al enclave separatista prorruso de Moldavia](#). Euronews, 06 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Russia-Ukraine war: List of key events, day 74](#). Al Jazeera, 08 mai. 2022. Acesso em: 08 mai. 2022.
- SRI LANKA - Crise estrutural: (NOVO EM ALTO RISCO): [Sri Lanka MP among five killed as violence escalates | Protests News | Al Jazeera](#). Al Jazeera, 09 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.
- SUDÃO - Golpe de Estado: [Major alliance welcomes Sudan's national dialogue](#). Middle East Monitor, 09 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

► MÉDIO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Armenian FM presents situation in Nagorno](#)

[Karabakh to US Senator](#). **Armenian FM**, 06 mai. 2022. Acesso em: 08 mai. 2022.

• BURKINA FASO - Golpe de Estado: [Burkina Faso's Displaced Numbers Swell Amid Jihadi Violence](#). **VOANews**, 08 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Famine in Ethiopia: the roots lie in Eritrea's long-running feud with Tigrayans](#). **The Conversation**, 09 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [A AU's Peace, Security Council to Hold Extraordinary Meeting on Libyan Crisis](#). **Asharq Al-Awsat**, 08 mai. 2022. Acesso em: 08 mai. 2022.

• MALI - Instabilidade política: [Mali's junta breaks off from defence accords with France](#). **AfricaNews**, 03 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• SÍRIA - Insegurança regional: ['Suffered far too long': 12.3 million Syrian children need aid](#). **Al Jazeera**, 08 mai. 2022. Acesso em: 08 mai. 2022.

• SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Somalia: Lawmakers to decide president on May 15](#). **Al Jazeera**, 06 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuela's oil exports fall 8% in April amid quality-linked delays -data](#). **Reuters**, 05 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

► EM MONITORAMENTO:

• COLÔMBIA - Conflito fronteiriço: [Conflicto armado en Arauca: líderes sociales denuncian estar siendo desplazados masivamente](#). **El Espectador**, 07 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• COREIA DO NORTE- Crise dos mísseis (NOVO NO MAPA): [North Korea fires ballistic missile into Sea of Japan](#). **CNN**, 07 mai. 2022. Acesso em 09 mai. 2022.

• EL SALVADOR - Instabilidade social: ['We Are Not Going to Censor Ourselves,' Say El Salvador Journalists](#). **VOANews**, 05 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• GUINÉ - Golpe de Estado: [Guinea's coup leader proposes 3-year transition back to civilian rule](#). **Reuters**, 03 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Nigeria Boosts Anti-Piracy War With Gulf of Guinea Maritime Security Conference](#). **AllAfrica**, 04 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• ISRAEL E PALESTINA - Tensões regionais: [Israel arrests Palestinians suspected of deadly stabbing attack](#). **Al Jazeera**, 08 mai. 2022. Acesso em: 08 mai. 2022.

• MAR DO SUL DA CHINA- Novos exercícios militares na região: [China's amphibious assault ship holds live-fire drills in South China Sea](#). **Benar News**, 04 mai. 2022. Acesso em: 09 mai.2022.

• MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique: Special Section On Terrorism in Cabo Delgado Attorney's Office](#). **AllAfrica**, 08 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [¿En qué consiste el "trueque" entre Nicaragua e Irán?](#). **La Prensa**, 09 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• PAQUISTÃO - Conflito fronteiriço: [Explained: Why did Pakistan launch airstrikes on Afghanistan?](#) **The Indian Express**, 04 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• PERU - Instabilidade política: [Crisis económica en Perú: ¿Quién tiene la culpa, Pedro Castillo o la invasión de Rusia a Ucrania?](#). **Infobae**, 09 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

• TAIWAN - Embate China-EUA: [Porta-aviões chinês lidera grande grupo de ataque no oeste do Pacífico à medida que as tensões em Taiwan aumentam](#). **South China Morning Post**, 03 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.

•XANGAI/ CHINA- Novas medidas de Lockdown: [Shanghai intensifies lockdown as Xi Jinping insists on zero-Covid](#). **CNN**, 09 mai. 2022. Acesso em: 09 mai. 2022.